



UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA – UFDPAr
CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO – CMRV
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BRENDA EDUARDA MONTE SILVA
MARIA CLEYANE VASCONCELOS OLIVEIRA

**JUVENTUDES E PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO NA EJA: CAMINHO PARA
A INCLUSÃO SOCIAL**

PARNAÍBA

2022

BRENDA EDUARDA MONTE SILVA
MARIA CLEYANE VASCONCELOS OLIVEIRA

**JUVENTUDES E PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO NA EJA: CAMINHO PARA
A INCLUSÃO SOCIAL**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - Campus Ministro Reis Velloso como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de licenciadas em Pedagogia.

DATA DE APROVAÇÃO: 20/10/2022

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof^a Dr^a Lucélia Costa Araújo
Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

Examinadora: Prof^a Dr^a Edmara de Castro Pinto
Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

Examinador: Prof. Dr. Cleidivan Alves dos Santos
Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

JUVENTUDES E PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO NA EJA: CAMINHO PARA A INCLUSÃO SOCIAL

YOUTH AND SCHOOLING PROCESSES IN THE EJA: A PATH TO SOCIAL INCLUSION

Brenda Eduarda Monte Silva

Maria Cleyane Vasconcelos Oliveira

Resumo:

Esta pesquisa tem por objetivo principal compreender os processos de inclusão e exclusão social que levam as juventudes a evadirem e retornarem ao processo de escolarização. Para isso, foi desenvolvida pesquisa do tipo qualitativa de cunho exploratório, com aplicação de questionários e entrevista. Para a fundamentação teórica foram consultados autores como Peralva (1997), Escorel (1999), Paro (1996), Gil (2002), Pato (1996), Leite (2013), Paiva (2007), Bastos (2011). A pesquisa foi realizada em uma escola na cidade de Parnaíba e contou com a participação de 2 professores e 5 alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Por meio dos dados coletados foi possível analisar as causas que foram responsáveis pelo motivo de terem evadido e estarem retornando à escola por meio dessa modalidade. As dificuldades enfrentadas por esses estudantes, seja dentro da sala de aula ou seu convívio familiar, trazem reflexões sobre a importância de transformar a escola em espaço acolhedor e verdadeiramente formativo. Os objetivos foram alcançados, uma vez que o estudo trouxe maior compreensão acerca dos processos de inclusão e exclusão social vivenciados cotidianamente pelos jovens que acarretam no abandono escolar e sobre a relação existente entre os motivos de afastamento escolar e como esses se apresentam durante o retorno do jovem à sala de aula.

Palavras-chave: desigualdade social; inclusão social; evasão escolar; educação de jovens e adultos; processo de ensino-aprendizagem.

Abstract:

This research aims to understand the processes of inclusion and social exclusion that lead the youth to escape and return to the process of schooling. For this, a qualitative research of exploratory nature was developed, with questionnaires and interview. For the theoretical foundation were consulted authors such as Peralva (1997), Escorel (1999), Paro (1996), Gil (2002), Pato (1996), Leite (2013), Paiva (2007), Bastos (2011). The research was conducted in a school in the city of Parnaíba and had the participation of 2 teachers and 5 students of Youth and Adult Education (EJA). Through the collected data it was possible to analyze the causes that were responsible for the reason of having escaped and being returning to school through this modality. The difficulties faced by these students, whether within the classroom or their family life, bring reflections on the importance of transforming the school into a welcoming and truly formative space. The objectives have been achieved, Since the study brought greater understanding about the processes of inclusion and social exclusion experienced daily by young people that lead to school dropout and the relationship between the reasons for school leave and how they present themselves during the return from the young man to the classroom.

Keywords: social inequality; social inclusion; school dropout; education of young people and adults; process of teaching and learning.

1 Introdução

Hodiernamente podemos encontrar muitas concepções sobre o que é educação. Entretanto, segundo Pinto (1993), a sociedade utiliza-se da educação como um processo formador de indivíduos a partir de seus próprios interesses. Trata-se de um processo que perdura por toda a vida do ser humano, sendo essa a principal maneira de o indivíduo adquirir e reconhecer seu papel social e transformador. Portanto, a educação diz respeito à própria existência humana (PINTO,1993).

Embora legalmente a educação seja um direito de todos, é necessário deixar frisado que esse direito foi fruto e conquista de muitas lutas e que nem sempre amparou legalmente a todos de maneira igualitária. Por muito tempo esse acesso foi negado, especialmente a pobres, negros, mulheres, indígenas, quilombolas, ou seja, aos integrantes das chamadas “minorias” em nosso país.

Ao pensarmos nas relações entre juventudes e processos de escolarização, especialmente em nosso país, automaticamente pensamos nas muitas dificuldades encontradas pelos jovens para ingressar e permanecer na escola. Conseqüentemente, recaímos em discussões sobre como se dá o acesso à educação que lhes é “garantido” e “assegurado” pela lei, como consta na Constituição Federal Brasileira de 1988. Essa é uma questão importante, pois os jovens são vistos como os novos atores sociais e políticos do contexto em que vivem e isso tem gerado forte reconhecimento de suas funções sociais, bem como as contribuições e transformações que estes jovens podem trazer para a sociedade.

O termo juventudes costuma atrair interesse, pois diversas são as divergências acerca do mesmo, como por exemplo: compreende que faixa etária? Qual o contingente populacional? Categoria social ou uma geração? A definição concreta desta etapa de vida é sempre muito imprecisa e variável, sendo o seu fim marcado corriqueiramente pelo término dos estudos, pela capacidade de viver do próprio trabalho, sair da casa dos pais, casar-se, ter filhos, enfim, ser independente. De acordo com Andrade (2008), a juventude é observada por muitos pontos de vista e problematizada por muitos estudiosos, indicando que esta é uma construção histórica que se apresenta de diferentes modos e combinada a diversos outros aspectos.

A juventude é, portanto, um período marcado por discussões e incertezas que marcam desde a definição do termo até à vivência das descobertas, experimentações, afirmações,

questionamentos e dúvidas, sendo essa uma fase complexa de tomadas de decisões, seja no que se refere à vida profissional, acadêmica e/ou social. Portanto, pode-se dizer que é um universo caracterizado por cobranças, pressões, incertezas, mas também marcado por mudanças, expectativas e sonhos.

Ao discutirmos juventudes e escolarização entendemos como o processo educacional acontece em meio a tantas divergências e situações enfrentadas pelos jovens e como as situações de inclusão e exclusão social geram também inclusão e exclusão escolar. Sabemos das muitas dificuldades que as minorias sofrem em nosso país e como os processos sociais e educacionais estão intimamente interligados com os interesses da sociedade.

Assim sendo, é preciso considerar de que maneira as distintas condições sociais, a família na qual o jovem está inserido, a classe social, o gênero e outros fatores se articulam na constituição dos diferentes modos de vivenciar a juventude. E ainda como tais situações corroboram para a evasão escolar e como as mesmas condições auxiliam no processo de retorno desse jovem ao sistema educacional.

Levando em consideração os múltiplos processos citados acima, propomos os seguintes questionamentos: Qual a percepção dos jovens acerca da educação que vivenciam na escola? Que desafios são enfrentados pelos jovens para ingressar e/permanecer na escola? Quais possibilidades a permanência na escola oferece à vida desses jovens? Como as condições sociais determinam situações de inclusão e exclusão escolares? A partir destes, elegemos o problema principal da pesquisa: como processos de inclusão e exclusão social determinam a escolarização das juventudes?

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender os processos de inclusão e exclusão social que levam as juventudes a evadirem e a retornarem ao processo de escolarização. Nessa perspectiva os objetivos específicos são: conhecer as percepções da juventude para a educação que vivenciam na escola; identificar os desafios e as possibilidades vividas pelos jovens no retorno e na permanência em contexto escolar; e analisar como as condições sociais determinam os processos de inclusão e exclusão escolares.

Nesse contexto, o desenvolvimento do presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, na qual entrevistamos alunos e professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a fim de compreender a problemática abordada.

O interesse pelo tema desta pesquisa se justifica com base no conhecimento de um colega de turma no curso de Pedagogia que estudou na modalidade EJA, conseguindo concluir seus estudos na educação básica e avançar para o nível da educação superior. A partir disso, nos foi despertado o interesse sobre como depois de anos sem estudar foi possível ao colega

retornar ao processo educativo em contexto escolar. Consideramos também a dinâmica da relação professor-aluno, visto que tratando-se de EJA é preciso haver a compreensão de que se está lidando com pessoas que já possuem um conhecimento de vida.

Com esse trabalho almejamos conhecer em quais pontos nós, como educadores, precisamos nos atentar acerca das teias emocionais, sociais e familiares que envolvem estar em uma sala de aula, sendo essa a relevância da pesquisa. É importante, ao estar em uma sala de aula, que possamos desde cedo implementar essa conscientização de que podemos transformar nossa sociedade sendo cidadãos ativos e conscientes. E que a educação é um dos processos pelos quais isso pode acontecer, além de não provocar no aluno a errônea ideia de que é preciso estar em sala de aula apenas para obter uma nota ou conseguir uma vaga no mercado de trabalho, mas para exercer um direito garantido por lei.

2 Juventudes e Escolarização: um olhar teórico

Nesta seção serão apresentadas as ideias com as quais dialogamos a respeito do tema. Resulta de consulta realizada a obras, artigos e textos de autores que abordam a temática juventudes, como por exemplo: Peralva (1997), Dayrell e Carrano (2014), Abramovay e Castro (2015), além de documentos legais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e outros.

2.1 Conceituando juventudes

Ao falarmos sobre juventudes uma das primeiras coisas que nos ocorre fazer é buscar o conceito exato do referido termo. Entretanto, como já destacamos, é necessário dizer que não existe um único conceito que possa ser utilizado com relação ao tema, pois a caracterização desta fase de vida depende das perspectivas psicológicas, sociológicas, sociopsicológicas e ainda, do momento histórico. Peralva (1997, p. 15) ressalta:

Nós sabemos hoje que as idades da vida, embora ancoradas no desenvolvimento bio-psíquico dos indivíduos, não são fenômeno puramente natural, mas social e histórico, datado, portanto, e inseparável do lento processo de constituição da modernidade, do ponto de vista do que ela implicou em termos de ação voluntária sobre os costumes e os comportamentos, ou seja, naquilo que ela teve de intrinsecamente educativo.

Desse modo, juventude não diz respeito somente a uma condição biológica, mas significa uma construção cultural, sócio-histórica e política, indo além dos limites e das possibilidades naturalmente dadas para tornar-se fator de amplo significado que os indivíduos assumem em determinado estágio da vida.

Uma vez dotadas de especificidade própria, as fases da vida não se tornam apenas autônomas, umas em relação às outras. Permanecem interdependentes e mesmo hierarquizadas. Tal hierarquia constrói-se sobre a base de uma tensão entre uma orientação definida pela lógica da modernização (portanto, orientação para o futuro, através da afirmação conquistadora da renovação enquanto valor) e o fundamento normativo da ordem moderna, que afirma, ao contrário, a primazia do passado enquanto elemento de significação do futuro. Cabe ao passado, isto é, à ordem social já constituída, domesticar, sem destruir, os elementos de transformação e modernização inerentes à vida moderna (PERALVA, 1997, p.18).

Entendemos que o passado auxilia no processo de modernidade e que as juventudes precisam viver os processos educativos, visto que passado/futuro e adultos/jovens mantêm relações dependentes, embora estejam em constante processo de autonomia e rupturas. Portanto é imprescindível contemplar juventudes por meio de dimensões amplas, que tratem as relações entre diferentes gerações considerando suas especificidades e produções ao longo do tempo.

De acordo com o Estatuto da Juventude, lei nº 12.852 de 05 de agosto de 2013, são consideradas jovens as pessoas entre quinze e vinte e nove anos de idade. Para muitas áreas de conhecimento, como psicologia, antropologia e sociologia, essa fase é marcada por noções que podem transformar os jovens em agentes transformadores ou em vítimas de exclusões, dentro ou fora de contexto escolar.

A juventude assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social. Nesse, o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias de sua vida, desde a dimensão afetiva até a profissional (DAYRELL; CARRANO, 2014, p.112).

Assim sendo, os muitos lugares que os jovens ocupam em diversos espaços de pertencimento colaboram para internalizar, de um determinado modo, que fatores como classe e cor são importantes na construção de um sujeito incluído ou excluído do processo educacional. Segundo Dayrell e Carrano (2014), os diversos fatores como origem, classe, cor, raça, diversidade cultural, identidades religiosas, valores familiares, diversidade de gênero e até mesmo as diferenças territoriais se articulam e corroboram para a constituição dos diferentes modos de vivenciar a juventude e maneiras de enxergá-la.

Ao pensarmos em juventude e escolarização é possível considerar a relação entre os jovens e a educação escolar a partir de algumas temáticas, como por exemplo, o sentido da escola e, desta maneira, refletir sobre qual a função social da escola e da cultura escolar. De acordo com o Artigo 205 da Constituição Federal é estabelecido que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. É sabido que a educação escolar continua em constante processo de ampliação e isso leva à necessidade de repensar práticas pedagógicas a fim de superar a prática da exclusão e pretensa homogeneização.

Perondi e Vieira (2018, p. 49-50), afirmam que:

Tornou-se quase um consenso conceber a juventude em sua diversidade, tanto que o plural juventudes substituiu o singular e passou a ser largamente adotado. O uso do plural reage ao fato de que, nas abordagens mais tradicionais sobre juventude, os jovens são pensados como integrantes de uma cultura juvenil homogênea. Viver a juventude num mesmo tempo pode levar jovens de diferentes contextos sociais e culturais a partilharem linguagens, estilos, sentimentos, práticas e valores comuns. Mas o modo como experimentam o que os identifica como jovens é vivido de forma diferente a partir de diferentes situações em que se encontram, em especial, seu grupo social, etnia, gênero, territorialidade, religião, etc. [...].

Desta maneira, ao considerarmos a importância da relação existente entre juventudes e escolarização, podemos compreender como as dificuldades enfrentadas por jovens para se manter no sistema educacional influenciam diretamente em suas relações sociais. As juventudes partilham de uma série de necessidades, estímulos, formas de ser, querer ser e estar e, este fato acontece, visto que, segundo Abramovay e Castro (2015, p. 23), “os jovens catalisam de uma maneira especial as mudanças de paradigmas e a complexidade dos tempos”.

Entretanto, por vezes a escola tende a considerar a juventude como um grupo homogêneo, sem preocupações, vulnerável, desprotegido, sem oportunidades e, assim, há a inviabilização da noção de sujeito único, perdendo a dimensão do que é a identidade do jovem, a sua diversidade e as diversas desigualdades sociais que são enfrentadas de maneiras distintas por cada indivíduo. Acerca da importância de se considerar as características dos alunos encontramos amparo legal no Artigo 37, parágrafo 1º, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº394/96 que ressalta:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais

apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e trabalho, mediante cursos e exames.

A lei citada acima objetiva que as escolas promovam uma educação que atribua importância às muitas experiências que são construídas e vividas pelos estudantes no contexto social e de trabalho. Ao considerar as particularidades de seus alunos a escola pode auxiliar na permanência destes no processo educacional. A devida contextualização dos alunos também auxilia no trabalho do professor, pois ao tomar conhecimento das particularidades de seus alunos e trabalhar com base nestas, o trabalho torna-se significativo para ambos.

A educação é um dos pontos de partida para a participação e inclusão efetiva da juventude em meio social. Assim sendo, não pode, nem deve, ser vista apenas como uma situação passageira que se restringe somente à sala de aula, pois esta eleva-se a muitas outras áreas de nossas vidas. Os alunos precisam de um espaço em que possam participar ativamente do processo de conhecimento e que não se reduzam a meros reprodutores, pois quando os jovens não se sentem acolhidos pelos professores e pela instituição escolar compromete-se seu interesse e aprendizado.

Como citado acima, a educação é um dos pontos de partida para a inclusão efetiva dos jovens em meio a sociedade. Assim sendo, podemos

Entender a inclusão como conjunto de práticas que subjetivam os indivíduos de forma que eles passem a olhar para si e para o outro, sem necessariamente ter como referência fronteiras que delimitam o lugar do normal e do anormal, do incluído e do excluído, do empregado e do desempregado, etc., também é uma condição de entendimento das práticas educacionais diluídas na população (LOPES, 2009, p.154).

É necessário analisar a inclusão a partir de um olhar que auxilie para que a educação seja significativa para alunos, professores e outros integrantes deste processo, visto que a escola e outros espaços educacionais devem suprir as necessidades do alunado, independentemente de suas características físicas, psicológicas e questões sociais.

Faz-se importante entender que inclusão e exclusão fazem parte de um mesmo processo. De acordo com Veiga-Neto (2007), locais includentes são instituições em que se garante atendimento para todos. Mas algumas instituições acabam sendo espaços de exclusão. Exclusão, por sua vez, pode ser definida e caracterizada como:

A exclusão social se caracteriza não só pela extrema privação material, mas, principalmente porque essa mesma privação material ‘desqualifica’ seu portador, no sentido de que lhe retira a qualidade de cidadão, de brasileiro

(nacional), de sujeito e de ser humano, de portador de desejos, vontades e interesses legítimos que o identificam e diferenciam. A exclusão social significa, então, o não encontrar nenhum lugar social, o não pertencimento a nenhum topo social, uma existência limitada à sobrevivência singular e diária (ESCOREL, 1999, p. 81)

Entendemos por isso que a exclusão se faz presente quando duas pessoas não possuem as mesmas oportunidades, e essa não oportunidade se reflete em todos os aspectos da vida do ser humano, também na questão da escolarização. A escola também possui mecanismos que evidenciam essa exclusão. Esse sentimento de não pertencimento que Escorel (1999) cita é evidente dentro da sala de aula. Sendo essa inclusive uma das razões para os adolescentes evadirem.

2.2 Inclusão e exclusão na escola

Segundo o Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população jovem de 15 a 29 anos somava mais de 51 milhões de brasileiros. Falar sobre a inclusão desses jovens na sociedade é também falar sobre como tornar a instituição escolar mais inclusiva, sendo essa uma das metas da Organização das Nações Unidas (ONU) para que os países consigam alcançar níveis mais elevados de desenvolvimento em todas as áreas, inclusive na educação. Visando isso, em 2015 a ONU criou a campanha “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para a década de 2020/2030”. Os chamados ODS são 17 objetivos para o desenvolvimento dos países sendo o 4º deles a “educação de qualidade” e o 10º, a “redução das desigualdades”.

Por meio disso, cabe à escola oferecer uma educação que permita ao jovem permanecer e elaborar sentidos para continuar estudando e isso se inicia nos primeiros anos da escolarização. Em um modelo educacional que exige notas como método de avaliação da aprendizagem, às vezes, a escola acaba promovendo o aluno sem que este tenha de fato aprendido o básico que compete a ele compreender naquela etapa. E quando a escola o reprova pode provocar no aluno a sensação de que fracassou por não conseguir acompanhar o ritmo dos demais, podendo sentir-se uma pessoa inferior.

Sentimentos esses que ficam ainda mais evidentes no Ensino Médio. Em meio a tantas mudanças físicas, psicológicas e sociais, a escola se torna um meio para obter um “futuro melhor”, uma melhor oportunidade de emprego.

[...] É, portanto, uma inversão da lógica até então dominante que simboliza a ‘democratização do ensino’: a escola é cada vez mais percebida como uma oportunidade para todas as crianças, e não somente para uma elite, de ascender a uma posição social melhor que a de seus pais (TROGER, 2012, p. 16-17).

No entanto, muitas escolas de ensino médio focam seus esforços na preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o que acaba com que a escola se desconecte das aspirações do jovem, focando no resultado e nas notas, ignorando os processos. Nesse intuito, o que era pra ser um incentivo à inclusão social e ascensão na futura carreira profissional, acaba se transformando no distanciamento desse jovem da escola.

De acordo com Pereira (2019, p. 2), alguns fatores são considerados como determinantes da evasão escolar, sendo eles:

A desestruturação familiar, a ausência de políticas públicas adequadas, o desemprego, a desnutrição, a escola, o ensino que não há qualidade, a estrutura, o próprio desinteresse do próprio aluno, a gravidez na adolescência, fatores econômicos, a motivação do professor em sala de aula, que não há questões referentes ao encaminhamento didático (pedagógicos) e a baixa qualidade de ensino nas escolas (fator possível para evasão) [...].

Assim sendo, podemos notar que algumas das principais causas da evasão escolar são: gravidez na adolescência, o desgaste emocional e intelectual, falta de incentivo e baixo nível socioeconômico. Sendo este último um fator que deve ser considerado, pois muitos alunos deixam a escola para poder trabalhar e, assim, ajudar com a renda familiar.

Nessa direção, Paro (1996) acrescenta que a maioria da população atendida por nossas escolas apresenta diversos problemas relacionados à desnutrição, fome, carência cultural e afetiva, falta de condições materiais e psicológicas para o estudo em casa. Além desses, a necessidade de trabalhar para ajudar no orçamento doméstico e mais outros problemas advindos do estado de injustiça social e que comprometem o desempenho do aluno na aprendizagem.

A outra face desse emblema se encontra na escola, com turmas superlotadas, professores mal capacitados, excesso de conteúdos distantes da realidade social do aluno, também se tornam condicionantes para essa evasão. Segundo Patto (1997, p. 238), “neste contexto sem ignorar as questões extraescolares não se pode deixar de enfrentar que o fracasso escolar, bem como, a evasão, constituem um problema pedagógico”.

Como forma de garantir a volta desses alunos para as escolas, a modalidade EJA se faz presente, pois os índices de evasão escolar podem ser vistos como o resultado de um processo histórico que é alinhado às características e vivências sociais dos alunos que evadem. Assim a

EJA vem a ser uma medida igualitária, que visa oferecer medidas justas para todos, para que mudem a situação de abandono escolar.

2.3 Educação de Jovens e Adultos (EJA): conceito e panorama histórico

A história da EJA, assim como a história do processo educacional no Brasil, se inicia já no período da colonização quando os jesuítas chegam à colônia para catequisar os indígenas, o que se iniciou por volta do ano de 1549 e se manteve por mais de 200 anos.

Além de difundir o evangelho, tais educadores transmitiam normas de comportamento e ensinavam os ofícios necessários ao funcionamento da economia colonial, inicialmente aos indígenas e, posteriormente, aos escravos negros. Mais tarde, se encarregaram das escolas de humanidades para os colonizadores e seus filhos (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 109).

É importante destacar que essa “educação” não tinha caráter acadêmico, mas apenas instrucional como, por exemplo, a orientação de plantio e cultivo agrário. Como aponta Sampaio e Almeida (2009, p. 13), a história da EJA “[...] se produz à margem do sistema de educação, impulsionada pela luta dos movimentos sociais, marcada pelo domínio e pela exclusão estabelecidos historicamente entre a elite e as classes populares neste país”.

Apesar da chegada da família real no Brasil em 1808 e da expulsão dos jesuítas, somente em 1878, o Decreto Imperial nº 7.031 criou os primeiros cursos noturnos no município da corte, voltados para analfabetos do sexo masculino. “As aulas da Biblioteca Pública Pelotense, previstas desde o primeiro regulamento de 1875, foram um dos espaços usados na tentativa de adaptar os homens e os meninos das classes populares a um modo de vida e de sociedade considerado ‘correto’ pela elite” (PERES, 2002, p.81).

Cursos estes que aconteciam à noite, visto que seus alunos trabalhavam o dia inteiro. Estas eram organizações criadas para que a ordem hierárquica pudesse continuar existindo sendo propagada para uma quantidade reduzida de trabalhadores. Peres (2002) defende que os cursos, de alguma forma, foram criados para que a elite tivesse o poder social sobre os trabalhadores.

Somente mais de 50 anos depois desse decreto, quando o Brasil já tinha se tornado república, foi mencionada a necessidade de criar um plano nacional de educação. O Artigo 150 da Constituição Federal Brasileira de 1934 estabeleceu a educação como dever do Estado, determinando que o governo deveria oferecer o ensino gratuito e integral a todos, inclusive aos adultos que não puderam concluir seus estudos na idade regular.

A década de 1940 foi quando a educação de jovens e adultos segundo Ribeiro (2001, p. 59) “se constituiu como política educacional”, marcada por iniciativas políticas e pedagógicas como a criação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP), a fundação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) e o surgimento das primeiras obras dedicadas ao supletivo. A partir disso ocorreram campanhas nacionais de erradicações de analfabetismo, o que tornou o ensino de jovens e adultos mais popularizado e apoiado em ideais libertários.

A exemplo disso tivemos as iniciativas de Paulo Freire, que dentre elas podemos citar o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos inspirado na experiência que esse educador teve na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. Entretanto, com o golpe militar de 1964 esse ideal libertário foi suprimido. Em 1967 surgiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), “[...] fruto do trabalho e realizado por grupo interministerial que buscou uma alternativa ao trabalho da cruzada ABC [...]” (HADDAD, 2000, p. 114). Ao qual tinha por finalidade uma educação mais bancária com o objetivo principal de apreensão da leitura e da escrita, sem a preocupação de uma contextualização ou de proporcionar uma educação continuada. O MOBRAL propagava a ideia de que a culpa das pessoas não serem alfabetizadas era da população que deveria assumir também a responsabilidade por alfabetizá-las. Sendo inclusive um de seus slogans “você também é responsável, então me ensine a escrever, eu tenho minha mão domável” (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 270).

Em 1985, surgiu a Fundação Educar, uma iniciativa do Ministério da Educação que tinha como proposta a redemocratização do ensino de jovens e adultos, porém ela perdurou apenas até 1990. A Constituição Federal de 1988 foi um marco para as políticas educacionais, especificamente ao EJA, pois trouxe em seu conteúdo a garantia do direito à educação a todos os cidadãos brasileiros, visto que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 208. [...] assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Inciso com redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009) [...] (BRASIL, 1988).

Em 1996 foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 que institui a EJA como modalidade de educação básica no Ensino Fundamental e Ensino Médio, reafirmando a necessidade de uma educação gratuita que garanta a permanência dos jovens e adultos nas escolas públicas.

Art. 4º O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: [...] IV – acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para todos os que não concluíram na idade própria; [...] VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando; VIII – oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola; [...] (BRASIL, 1996).

Mediante todos esses marcos, a educação e jovens e adultos se consolida e se fortalece com ações pedagógicas voltadas para as boas práticas de ensino e foco na capacitação educacional. É de conhecimento que, como docente, trabalhar com EJA é um grande desafio. São alunos com necessidades diferentes dos que conseguiram concluir seus estudos na idade considerada adequada, muitos chegam à escola vindo direto do trabalho fora de casa ou do trabalho doméstico, já cansados da rotina exaustiva do dia a dia e em busca de certa forma “compensar o tempo perdido”. Nesse contexto, cabe ao professor o papel de, acima de tudo, incentivar esse aluno que está retornando.

A esse respeito, Zabala (1998) nos chama a refletir para o fato de que tudo quanto fazemos em sala de aula, por menor que seja, incide na formação de nossos alunos: a maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos etc. No entanto, nem sempre essas escolhas estão em consonância com o pensamento que temos a respeito do papel que hoje em dia tem a educação.

Faz-se de grande importância que o professor busque estimular nos alunos uma aprendizagem significativa, favorecendo o diálogo que considera a realidade desses alunos e suas necessidades, abordando conteúdos que subsidiem a construção de uma leitura crítica e contextualizada do mundo. Assim sendo, é possível criar condições para que os mesmos aprendam a partir de metodologias que sejam, de fato, inclusivas e que contribuam para que a EJA se converta em processo formativo a favor da educação de qualidade e da aprendizagem que se prolonga por toda a vida, conforme preconizado no Artigo 37 da LDB.

3 Metodologia da Pesquisa

Nesta seção serão apresentados aspectos relativos aos procedimentos utilizados para coletar dados que nos ajudaram a compreender a temática abordada. Será debatido o porquê de ser escolhido o tipo de pesquisa exploratória, bem como suas características e os métodos de obtenção de dados.

3.1 Tipo e abordagem da pesquisa

No presente trabalho desenvolvemos uma pesquisa de cunho exploratório, pois esta permite conhecer melhor o objeto de estudo, a fim de promover uma maior familiaridade sobre o assunto. Na pesquisa exploratória é permitido ao pesquisador maior compreensão dos fatos em análise, uma vez que nesse modo de pesquisa são produzidos dados qualitativos que fornecem questionamentos importantes. De acordo com Gil (2002, p.41):

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições.

Na pesquisa exploratória é possível ao pesquisador ter um aprimoramento de suas ideias mediante o processo de familiarização, uma vez que passa a existir uma relação entre pesquisador e pesquisado. Sendo esta uma das fases introdutórias de estudos mais amplos, podendo ser aprofundado com outros níveis de estudo e de análises.

A abordagem da pesquisa é qualitativa pelo fato de que permite “representar as visões e perspectivas dos participantes de um estudo” (YIN, 2016, p. 28). Neste sentido, implica a produção de dados de forma descritiva, obtida por meio do contato direto do pesquisador com seu objeto de estudo. Esse tipo de pesquisa permite compreender o comportamento do público-alvo e como as condições nas quais os indivíduos da pesquisa vivem influenciam em seu modo de pensar e de agir.

Assim, a pesquisa qualitativa nos permite diversas possibilidades de interpretação de uma mesma situação. Além disso, essa abordagem oferece múltiplas possibilidades de se estudar um determinado fenômeno, pois o analisa mediante as relações sociais que são estabelecidas nos ambientes, sem que haja um trabalho pautado em roteiros rígidos sem direito a criatividade e visões dos envolvidos.

3.2 Contexto da pesquisa e sujeitos participantes

A pesquisa foi realizada com alunos e professores da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), inseridos na rede pública de ensino, em uma escola localizada na zona urbana da cidade de Parnaíba - PI. A referida escola oferta turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental regular e na modalidade EJA, funcionando nos turnos manhã, tarde e noite,

atendendo cerca de 1440 alunos. Possui também um quadro profissional constituído por 85 professores e 25 funcionários administrativos. Os alunos da EJA assistem suas aulas à noite nos mesmos espaços em que os alunos das turmas regulares.

A escola conta com uma boa estrutura física, com 17 salas arejadas e amplo espaço para movimentação, quadra, refeitório, salas de coordenação e direção, sala de professores, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), auditório, secretaria, campo para futebol e biblioteca. Um ambiente bem-organizado e zelado. As salas de aula usadas para a EJA se localizam no 2º andar da escola, as quais contam com carteiras e cadeiras em tamanho adequado, quadro branco, ventiladores e mesa dos professores.

O convite para participação na pesquisa foi feito a cinco alunos e dois professores da referida instituição. Os alunos que participaram estão matriculados na 5ª etapa da EJA (9º ano) e têm idades entre 16 e 23 anos, como consta no quadro abaixo. Os alunos foram nomeados utilizando-se números visando preservar sua identidade.

QUADRO 1 – Idade dos alunos participantes da pesquisa

ALUNO	IDADE	GÊNERO	EXERCE ATIVIDADE REMUNERADA
Aluno 1	16 anos	Masculino	Não
Aluno 2	18 anos	Masculino	Não
Aluno 3	23 anos	Feminino	Não
Aluno 4	18 anos	Masculino	Sim
Aluno 5	20 anos	Feminino	Não

Fonte: dados coletados por meio de questionário

O público principal da nossa pesquisa foram os alunos, mas os professores também foram entrevistados a fim de ampliar nossa leitura acerca do processo educacional oferecido na instituição. Os dois professores participantes da pesquisa também tiveram suas identidades preservadas e seus dados constam no quadro abaixo.

QUADRO 2 – Perfil dos professores participantes da pesquisa

PROFESSOR (A)	GÊNERO	IDADE	FORMAÇÃO	DISCIPLINA DE ATUAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO NA EJA
Professor 1	Masculino	47 anos	Matemática	Matemática	24 anos
Professor 2	Feminino	46 anos	História e Pedagogia	Ciências	05 anos

Fonte: dados coletados por meio de questionário

3.3 Produção dos dados

Para a produção dos dados da presente pesquisa utilizamos a entrevista e o questionário. Neste tópico apresentaremos estes instrumentos que nos permitiram investigar com um olhar sensível, detalhista, mas mantendo o rigor científico.

Para a produção de dados utilizamos a entrevista que pode ser definida, segundo Haguette (1997, p. 86), como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. Como supracitado, a entrevista foi utilizada para coletar dados referentes ao tema da pesquisa, sendo ela uma entrevista semiestruturada, pois durante a mesma o entrevistado tem mais liberdade e tempo para dialogar acerca do tema, podendo por meio da oralidade detalhar mais precisamente os fatos ocorridos, mediante as indagações feitas.

Outro instrumento de pesquisa aqui utilizado foi o questionário. Neste, é apresentada uma série de perguntas escritas, que devem ser respondidas pelo participante sem que haja a presença do pesquisador. Segundo Gil (1999), o questionário é um instrumento composto de questões que são submetidas a determinadas pessoas, com o intuito de obter informações sobre conhecimentos, sentimentos, valores, interesses, comportamento e outros. Assim como na entrevista, as indagações feitas no questionário devem ser claras, evitando assim os possíveis erros de interpretação.

A atividade de pesquisa foi realizada no período de dois dias, 06 e 07 de julho de 2022, no turno da noite, mas primeiramente fomos à escola na data de 28 de junho para nos apresentarmos e esclarecermos o motivo de nossa presença na instituição, o intuito da pesquisa, seu público-alvo e estratégias. O diretor foi extremamente solícito e nos apresentou os colaboradores presentes na escola, bem como, explanou brevemente acerca da modalidade EJA ofertada no local e maneiras de funcionamento. Os alunos foram escolhidos pela professora que estava ministrando a aula no dia em que as entrevistas aconteceram, todos se mostraram animados em participar, nenhum participante se opôs. As entrevistas foram realizadas presencialmente na escola e na ocasião, as pesquisadoras apresentaram previamente aos entrevistados o roteiro a ser seguido, com o intuito de que os mesmos pudessem conhecer as perguntas a serem feitas e assim, organizar as suas ideias. Após a apresentação formal das pesquisadoras, foi dado início aos questionamentos de maneira conversada, é importante citar que a referida entrevista foi gravada para melhores resultados. O questionário também foi aplicado presencialmente, com a dinâmica de entregar o questionário e deixar os participantes

livres com relação ao tempo, ou seja, a entrega do questionário escrito foi feita mediante o término de cada um dos participantes, neste momento as pesquisadoras ficaram somente observando a realização do questionário.

4 Análise e Discussão dos Dados

O presente trabalho teve por objetivo geral compreender os processos de inclusão e exclusão social que levam as juventudes a se afastarem e retornarem ao processo de escolarização. Durante a realização da pesquisa emergiram cinco eixos de análise. Esses eixos foram organizados conforme critérios de similaridade, complementariedade e contraposição dos temas abordados nas questões da entrevista.

No primeiro eixo, **Motivos da evasão escolar**, consta uma pergunta que abordou os motivos que levaram os alunos a deixar a escola. As respostas constam no quadro abaixo.

QUADRO 3 – Causas da evasão escolar

POR QUAL(IS) MOTIVO(S) VOCÊ PRECISOU PARAR DE ESTUDAR?	
ALUNOS	RESPOSTAS
1	Eu nunca parei de estudar não.
2	Por causa primeiro da pandemia e também por causa de um acidente que eu levei.
3	Bem... pelo trabalho doméstico. Pois eu trabalhava, tinha que ajudar, tinha criança pequena e eu tenho uma avó deficiente, ela não anda. Também tenho um tio que tem problema no joelho, ele teve um derrame. E então eu tive que parar de estudar, eu tinha que trabalhar, eu também dependia do dinheiro deles, da aposentadoria que os dois recebem. [...] Com isso eu parei mesmo de estudar em 2018, eu até me matriculei, mas não podia ir.
4	Nunca parei de estudar.
5	Porque... por burrice mesmo, parei de estudar por burrice. Falta de aviso... minha mãe, minha família não deu. Fui burra e desisti.

Fonte: Entrevista realizada pelas pesquisadoras

Os alunos 1 e 4 relataram que nunca pararam de estudar. O que revela indicativo de possível quadro insistente de repetências, motivos estes que os levaram a se matricular na EJA como uma maneira de concluir seus estudos. Já para o aluno 2, a pandemia foi causa dessa desistência inicial. A aluna 3 nos conta que parou de estudar para ajudar a cuidar de seus familiares, pois essa tarefa se impôs a ela. A aluna 5 relata que mesmo sob a insistência de sua mãe para não parar, por motivos que se revelaram pessoais, ela decidiu pausar os estudos. No que diz respeito à questão da reprovação, Patto (1996) destaca uma realidade na qual é muito forte a tendência de responsabilização do aluno.

Embora esta seja uma forma sintaticamente correta de dizer na língua portuguesa ‘crianças que foram reprovadas’ por um sujeito que permanece indefinido, ela é pouco usual; quando a ouvimos, entendemos “crianças que reprovaram a si mesmas”, uma versão sobre a repetência compatível com a ideia de que se oferece ao aluno a oportunidade de aprender, que ele aproveitará ou não em função de suas características pessoais (PATTO, 1996, p. 201).

Partindo da ideia supracitada, nota-se que os discursos predominantes buscam convencer as famílias e crianças de que o problema da reprovação ou mesmo a responsabilidade pelas dificuldades de aprendizagem são provocadas unicamente por eles e que as consequências futuras também são de sua responsabilidade. Assim como outras responsabilidades que crianças e jovens assumem no âmbito doméstico e que inviabilizam sua participação na escola, como é o caso da aluna 3.

No segundo eixo de análise, **Motivos de retorno à escola**, constam duas perguntas por meio das quais indagamos aos alunos sobre o que lhes fez retomar à escola e se haviam sofrido situação de preconceito por não terem concluído seus estudos antes.

QUADRO 4 – O que fez os alunos retornarem à escola

O QUE LHE FEZ RETORNAR PARA A ESCOLA?	
ALUNOS	RESPOSTAS
1	Na verdade, eu nem ia estudar mais. Sei lá... eu vinha para a noite, aí eu não queria estudar mais não, mas a minha mãe me obrigou e eu em tive que voltar.
2	Vontade mesmo de estudar para ser alguém na vida.
3	Foi realmente a minha madrinha. Ela disse que eu tinha que estudar, que ela iria me ajudar, que eu tinha que entrar em uma faculdade, que eu precisava de um emprego e que hoje em dia para conseguir um emprego tem que estudar.
4	Rapaz, pra falar a verdade eu nem ia estudar, mas foi preciso.
5	Incômodo dela, tipo... como se diz? ... Não deixar minha mãe triste também, porque eu não terminei né, meus estudos e tal. E daqui a um tempo, na hora da parte do trabalho que não vai ter muita opção. Porque os pessoal quer, do trabalho lá das empresas só quer o pessoal que concluiu o ensino médio.

Fonte: Entrevista realizada pelas pesquisadoras

A partir das respostas acima observa-se que o aluno 1 retornou para a escola por pressão de sua mãe, assim como a aluna 5. O aluno 2, por sua vez, nos relatou que sua vontade é “ser alguém na vida”, o que nos remete ao desejo de vir a exercer uma profissão. A aluna 3 teve o incentivo de sua madrinha, que também a encorajou a concluir seus estudos para posteriormente

ter uma chance melhor no mercado de trabalho. O aluno 4 nos diz que por vontade própria ele não retornaria à escola, mas foi preciso.

Diante disso, Patto (1996) destaca o paradoxo que demarca o sistema escolar, pois ao mesmo tempo em que este se configura como espaço que pode levar à exclusão dos sujeitos, oferece oportunidades de integração e ascensão social viabilizados pela qualificação voltada ao mercado de trabalho. Assim, o autor esclarece que:

[...] nem mero reprodutor das relações sociais vigentes nem apenas instrumento a serviço dos interesses das classes populares –sejam eles individuais, de ascensão social, sejam coletivos, de mudanças sociais e estruturais- o sistema escolar ao mesmo tempo frustra e realiza interesses das classes em confronto [...] (PATTO,1996, p.159-160).

A educação vista como formadora para o mercado de trabalho deixa evidente como as relações de poder, vivenciadas no cotidiano dos espaços escolares e sociais, influenciam também nas práticas pedagógicas, ou seja, como afetam no processo de ensino-aprendizagem. Uma vez que as relações de poder e dominação perpassavam o espaço escolar representando o retrato de um sistema capitalista e vertical.

QUADRO 5 – Discriminação por não ter concluído os estudos

AO LONGO DE SUA VIDA VOCÊ SE SENTIU DISCRIMINADO POR NÃO TER CONCLUÍDO OS ESTUDOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA?	
ALUNOS	RESPOSTAS
1	Não.
2	Sim! Me disseram que se eu não estudasse eu não iria conseguir nada... que eu não ia prestar!
3	Sim, pela minha madrinha. Ela é Juíza e ela sempre jogava na minha cara que eu tinha que pensar em mim e não no outros. E realmente... eu perdi 4 anos, fiquei atrasada, só pensando nos outros.
4	Não.
5	Não. A pressão da família de dizer assim “porque você desistiu”? De tão assim... uma pessoa...como se diz? ... uma pessoa que não quer nada na vida. Não aconteceu isso.

Fonte: Entrevista realizada pelas pesquisadoras

Os alunos 1 e 4 foram sucintos ao relatar que não sofreram qualquer espécie de discriminação. Entretanto os alunos 2 e 3 deixaram claro que sim, não apenas por familiares próximos, mas também por outras pessoas de sua convivência. O que culminou com o sentimento de culpa por parte da aluna 3 por ter “perdido” 4 anos de sua vida sem estudar. A aluna 5 apesar de falar que não, também sofreu pressão por parte de sua família. Percebe-se nos

alunos 2, 3 e 5 um medo relacionado a “não ser ninguém na vida”. Sobre isso, Leite (2013, p. 171) nos alerta:

No caso do adulto que retorna a escola, pode-se dizer que, muitas vezes, sofrem uma dupla exclusão. Num primeiro momento, na infância, não podem estudar, pois precisam trabalhar para sobreviver e ajudar no sustento da família. Num segundo momento, na idade adulta, quando procuram uma escola que nem sempre está preparada para atender-se.

Assim, a condição de precisar sair da escola para possuir um emprego e ajudar nas despesas familiares perdura principalmente na fase da adolescência para a vida adulta. Infelizmente, a realidade da EJA em algumas é esta, de nem sempre possuir um espaço físico adequado para poder receber de forma plena esses alunos que já evadiram uma vez. Diante disso, é perceptível que por vezes o próprio ambiente escolar, por não estar devidamente preparado, provoca uma exclusão mascarada.

No terceiro eixo de análise, **Desafios do retorno à escola**, constam duas perguntas por meio das quais abordamos quais as dificuldades vivenciadas por eles ao retornar para a escola, quais dificuldades são enfrentadas atualmente e os indagamos acerca do incentivo que lhes é oferecido por parte dos profissionais da escola.

QUADRO 6 – Dificuldades para retornar à sala de aula

QUE DIFICULDADES VOCÊ VIVENCIAU AO RETORNAR PARA A SALA DE AULA? E QUE DIFICULDADES VOCÊ VIVENCIA ATUALMENTE?	
ALUNOS	RESPOSTAS
1	Nenhuma.
2	Nenhuma dificuldade, pois eu também estudei na pandemia. E hoje eu tenho um pouco de dificuldade só em uma matéria.
3	Não achei dificuldade nenhuma; acho que só em casa. A maioria não quer, eles são contra eu estudar e não me incentivam, dizem que eu não estudei porque não quis. A minha avó e meu tio são os únicos de lá que ainda apoiam.
4	Não.
5	Vivenciei vendo... as dificuldades lá de casa, vendo os pessoal lá de casa. Minha tia, minha vó, minha mãe nunca concluiu os estudos porque naquele tempo era mais difícil. E naquele tempo era pra trabalhar, aí as crianças nunca conseguiram estudar, as criancinhas. Principalmente minha vó, que a vida inteira trabalhou né, e também minha tia também que ajudava minha vó

Fonte: Entrevista realizada pelas pesquisadoras

Relacionado aos desafios de retorno à escola, entre os alunos 1, 2, 3 e 4 a resposta “não” foi unânime. Entretanto, a aluna 3 faz a ressalva de que sua maior dificuldade foi doméstica. Ela não recebeu apoio por parte de seus familiares que a culpabilizaram por não ter conseguido concluir os estudos na idade certa. Apesar disso, sua avó e seu tio suprem essa parte e a apoiam.

A aluna 5 relata que seu principal desafio também foi a realidade de sua vida doméstica, ao vivenciar a trajetória de seus familiares que não conseguiram terminar seus estudos. É perceptível nesse quadro o fato de que as alunas 3 e 5, ambas mulheres, foram as que possuíram mais dificuldades relacionadas à situação familiar. Nessa direção, Bastos (2011, p. 43), discorre acerca das condições desiguais vivenciadas no retorno e na permanência da mulher ao âmbito escolar:

Muitos fatores concorrem para o afastamento da mulher da escola, a saber: impedição de estudar pela família, por acreditar que mulher não precisava de estudo; entrada no mercado de trabalho precocemente, para contribuir com o sustento do grupo familiar; quando não, a própria constituição social do casamento; nascimento dos filhos, retendo-as no âmbito doméstico.

De modo geral, nota-se que a mulher ainda vive situações de dificuldade relacionadas aos estigmas de seu gênero, sendo esta uma problemática ainda bem visível dentro e fora dos muros das escolas, apresentando-se fortemente enraizada no contexto social e familiar. A mulher, além de aluna, necessita ser cuidadora, educadora, esposa e tantos outros. Ao retornar para a sala de aula, a mulher encontra-se envolta em muitos desafios, ou seja, esse retorno significa além de um desejo de concluir uma fase de seus estudos, um enfrentamento de múltiplas outras questões relacionadas ao lugar que a mulher ocupa na sociedade e na família.

No que diz respeito às dificuldades vivenciadas pelos alunos, também indagamos aos professores: “quais são as maiores dificuldades dos alunos no processo de aprendizagem ao retornar para a escola?”. Suas respostas foram:

QUADRO 7: Dificuldades na aprendizagem ao retornar para a sala de aula

QUAIS SÃO AS MAIORES DIFICULDADES DOS ALUNOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM AO RETORNAR PARA A ESCOLA?	
PROFESSORES	RESPOSTAS
1	A rotina escolar e o trabalho que eles exercem durante o dia. Pois geralmente eles estudam a noite e durante o dia eles tem as obrigações de trabalho. E isso é um grande empecilho para acompanhar, para continuar e para permanecer na escola. Eu vejo isso como as maiores dificuldades.
2	[...] Uma das maiores dificuldades que a gente tem, principalmente nesse momento agora de pandemia é a questão do trabalho. Muitos alunos trabalham a noite, muitos alunos nesse processo de pandemia tiveram que arranjar algum emprego porque não estavam estudando. E agora para retornar, eu percebo que há uma grande dificuldade, tanto que a evasão nas turmas de EJA como vocês sabem é bem grande. [...]

Fonte: Entrevista realizada pelas pesquisadoras

O professor 1 nos relata que o maior empecilho encontrado no retorno à escola é o cansaço gerado pelas atividades que alunos exercem no decorrer do dia, pois estas ocasionam fadiga e desgaste físico que refletem diretamente na qualidade do seu aprendizado. Para a professora 2, a maior dificuldade está relacionada à empregabilidade dos alunos, pois a maioria trabalha durante o dia e a disponibilidade que têm para assistir as aulas é apenas à noite. Esses alunos, já cansados da jornada de trabalho do dia a dia, podem acabar desistindo e assim aumentando o número de evasões.

Os professores foram questionados também sobre as estratégias que utilizam para ajudar os alunos a superar essas dificuldades. Os mesmos responderam o seguinte:

QUADRO 8 - Metodologias de auxílio para superar as dificuldades

QUAIS ESTRATÉGIAS VOCÊ UTILIZA PARA AJUDAR OS ALUNOS A SUPERAR ESSAS DIFICULDADES?	
PROFESSORES	RESPOSTAS
1	Primeiro seria deixá-los à vontade na sala de aula para perder aquela... não chega a ser um medo, mas para ter uma confiança. Então, seria deixá-los à vontade, deixar acontecer de uma maneira não muito formal, com atividades práticas, lúdicas, trazendo algum tipo de jogo para eles também se sentirem acolhidos em relação ao conhecimento e não ficar aquela coisa teórica. Tento os trazer para perto da gente e tento fazer eles se sentirem bem à vontade!
2	Assim, eu tento fazer o que eu posso em relação a trazer aulas atraentes e principalmente aulas com contexto, contextualizadas que eles saibam pra que que a gente tá trabalhando. Então assim, as minhas aulas eu sou professora de ciências, eu procuro muito ilustrar com: vídeos [...]

Fonte: Entrevista realizada pelas pesquisadoras

Patto (1996, p .349), afirma “[...] os educadores, em geral, e as educadoras, mais especificamente, são portadoras de carecimentos radicais que os fazem, da perspectiva da sociologia da vida cotidiana, um grupo social potencialmente transformador”. A relação existente entre a fala da autora e dos professores diz respeito à luta contínua de um educador para levar o melhor para seus alunos. Uma vez que, o professor busca desenvolver múltiplas estratégias mesmo em meio às dificuldades, como: cansaço, falta de recurso, desinteresse e outros.

No quarto eixo de análise, **Percepções em relação à EJA**, constam perguntas em que solicitamos aos entrevistados que definissem o processo de aprendizado realizado na instituição, os questionamos se a forma como são tratados pelos professores, alunos e outros funcionários os motivam a permanecer na escola e por fim, indagamos se as expectativas dos mesmo com a EJA foram atendidas.

QUADRO 9 - Percepções sobre o ensino realizado na escola

EM POUCAS PALAVRAS, COMO VOCÊ DEFINE O PROCESSO DE ENSINO REALIZADO NESTA ESCOLA?	
ALUNOS	RESPOSTAS
1	É bom!
2	É bom! Eles explicam até demais, pedem para a gente prestar atenção, mas tem muitos dos alunos que não prestam atenção e mesmo assim eles ajudam.
3	Eu acho que é até bom, pois uns anos atrás eu achava que era muito despreparado. Hoje em dia é melhor preparado, mais organizado.
4	Bom.
5	São ótimos professores, que quando ele tá explicando, a pessoa tem que prestar muita atenção pra aprender. Do jeito que eu tô fazendo agora, tô prestando muita atenção e tô aprendendo mais do que naquele tempo que eu estava estudando individual, a série.

Fonte: Entrevista realizada pelas pesquisadoras

Os alunos 1, 2, 3 e 4 afirmaram que o ensino realizado na escola se trata de um “bom” ensino. O aluno 2 tece elogios ao falar que eles “explicam até demais” e que são solícitos em ajudar. Entretanto, o aluno 3 faz a ressalva de que atualmente o ensino está mais organizado, o que nos remete a como os alunos observam e analisam as diferentes práticas dos docentes. A aluna 5 também elogia a prática docente ao afirmar que está aprendendo mais agora na EJA do que quando estava em seu ano letivo ideal.

QUADRO 10: Didática dos professores em sala de aula

NA SUA OPINIÃO DENTRE AS ESTRATÉGIAS JÁ UTILIZADAS EM SALA DE AULA, QUAL É A MAIS UTILIZADA? QUAL ESTRATÉGIA TRAZ MELHORES RESULTADOS COM OS ALUNOS?	
PROFESSORES	RESPOSTAS
1	Essa de procurar aproveitar algum conhecimento prévio do assunto que eles têm para trazer jogos e alguma coisa mais concreta, para que eles possam, a partir disso ver como seria a matemática, como funcionaria a matemática da sala e para eles perceberem que ela acontece no dia a dia. A gente procura fazer essa parte de jogos com material concreto. A própria disciplina tem materiais que ajudam a gente a trabalhar essas operações principalmente.
2	Quando a gente traz coisa prática, coisas práticas que eu digo não são coisas “práticas de fazer e dobrar”, mas prática até das palavras. [...] Não adianta eu ficar falando coisa pro exemplo: que não é da realidade deles, eles têm que conhecer? Tem! Porque eu acho que você não tem que conhecer só seu mundinho fechado, mas você tem que trazer coisas que eles possam estar usando no dia a dia. [...]

Fonte: Entrevista realizada pelas pesquisadoras

Tomando como foco a fala dos professores, entendemos que o aluno não é uma tábula rasa, um mero receptor de verdades absolutas e de verdades exteriores a ele, “pelo contrário, é um sujeito ativo que em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo” (REGO, 2002, p. 98). Assim sendo, o aluno deve ser priorizado no processo de ensino-aprendizagem e, como afirmam os professores, deve-se buscar aproveitar os conhecimentos prévios dos alunos, para que desta maneira, eles tenham subsídios para tornar o conhecimento algo concreto. Outra pergunta desse mesmo eixo abordou as relações interpessoais no âmbito da EJA.

QUADRO 11 – Relações interpessoais na EJA

A MANEIRA COMO VOCÊ É TRATADO NA ESCOLA, PELOS DEMAIS ALUNOS, POR PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS, LHE MOTIVA A CONTINUAR ESTUDANDO?	
ALUNOS	RESPOSTAS
1	Sim, sim.
2	Sim!
3	Sim, eles respeitam.
4	Sim.
5	Principalmente uma amiga minha, minhas duas amigas que eu fiz aqui na escola. E também os professor sempre diz pra continuar e nunca desistir, daqui pra frente não sabe se vai ter muitas oportunidades. E sempre ter... o pessoal da empresa sempre... as vezes até mesmo com os estudos tá difícil, imagina quem não tem.

Fonte: Entrevista realizada pelas pesquisadoras

Pode-se observar que todos os alunos relataram que se sentem acolhidos tanto pelos colegas de classe como pelos professores e funcionários. A aluna 5 relata sobre a importância das amizades cultivadas na sala de aula da EJA, juntamente com os professores que sempre os estão motivando a continuar e concluir seus estudos. Segundo Lemos (2011, p. 41), “[...] ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos, e essa impregnação do trabalho pelo objeto humano merece ser problematizada por estar no centro do trabalho docente”. O autor enfatiza sobre como as ações do docente dentro de sala de aula podem ser um ponto principal de contribuição para a transformação social esperada nesse espaço, por isso o olhar sensível e a afetividade se fazem tão importantes dentro da sala de aula.

A aluna 5 conclui sua fala relatando sobre seu medo em relação à área profissional, pois a mesma diz que as empresas não contratam pessoas que não tem seus estudos concluídos, o que, de acordo com Lopes (2004, p. 115), se classifica como “a tendência de tratar a educação não como formação cultural, mas como atividade econômica a ser submetida aos interesses do

mercado”. Em face disso, os alunos por vezes apresentam o entendimento de que os estudos servirão prioritariamente para aumentar as suas chances de empregabilidade. Com isso, foi observado um desejo reduzido por parte dos alunos em dar continuidade aos seus estudos após a conclusão do ensino médio, pois os mesmos demonstravam o anseio principal de estar no mercado de trabalho. Nesse sentido, os alunos também foram indagados a respeito das expectativas que haviam elaborado para a EJA.

QUADRO 12 – Expectativas em relação à EJA

SUAS EXPECTATIVAS COM A EJA FORAM SUPRIDAS?	
ALUNOS	RESPOSTAS
1	Muito não. Mas eu não sei dizer o motivo.
2	Foi.
3	Sim.
4	Sim.
5	E muito. Porque de tarde, ave maria... parece que, pra mim o tempo acho que não passava. Aqui o tempo passa mais rápido, parece que num piscar de olhos, a gente pensa que tá no começo da aula e já tá quase terminando já. A explicação do professor é tão boa, que já aprende logo na primeira explicação.

Fonte: Entrevista realizada pelas pesquisadoras

Em relação às expectativas, apenas o aluno 1 nos relata que não foram atendidas, porém o mesmo não soube nos dizer motivo. Já os demais alunos dizem que sim. A aluna 5 nos conta com alegria sobre como ela percebe que o tempo passa mais rápido depois que passou a assistir as aulas estando matriculada na modalidade EJA. Tapia e Fita (2003, p.88) citam:

[...] se o professor não está motivado, se não exerce de forma satisfatória sua profissão, é muito difícil que seja capaz de comunicar aos seus alunos, entusiasmo, interesse pelas tarefas escolares; é definitivamente, muito difícil que seja capaz de motivá-los.

A declaração da aluna 5 exemplifica esse fator motivação. Os alunos, principalmente da EJA, precisam de uma motivação extra por parte dos professores ao estarem em sala de aula. Alunos estes que por vezes chegam de uma rotina exaustiva de trabalho e, ainda assim, vão para a escola à noite. Metodologias tradicionais e professores que deixam evidente sua insatisfação servem apenas como gatilhos para a evasão desses alunos. Nesse sentido, Marchesi (2008) defende a importância de os professores promoverem situações de aprendizagem que suscitem nos alunos o desejo de aprender mais, que façam com que eles encontrem sentidos

para suas aprendizagens e percebam, com satisfação, os resultados alcançados nesse processo, por meio de esforço e dedicação.

No quinto e último eixo de análise, **Significações para EJA**, abordamos os motivos que levam os alunos a permanecer na escola, bem como o que os professores pensam a respeito dessa modalidade.

QUADRO 13 – Motivos para permanecer na escola

O QUE LHE MOTIVA A PERMANECER NA ESCOLA?	
ALUNOS	RESPOSTAS
1	Minha mãe, pois ela fica brigando comigo para que eu estude.
2	Minha vontade de terminar logo, pois muitos trabalhos pedem para a gente ter os estudos terminados. Se não estudar hoje não vamos ter emprego garantido... Eu quero ser PRF!
3	Eu acho que um futuro, ter um futuro. Se eu formar uma família, se eu tiver um filho ou filha, quero dar um exemplo.
4	Porque eu quero terminar os estudos mesmo.
5	O que me motiva é que... que eu vou dar muito orgulho pra minha família, principalmente pra minha mãe e eu me orgulhar de mim mesmo. Que eu vou passar e vou ter meu próprio diploma, que eu vou fazer uma universidade. Fazer uma faculdade sobre veterinária, que eu amo animais. Quando eu terminar a faculdade eu vou abrir meu próprio negócio, minha própria clínica. É meu sonho.

Fonte: Entrevista realizada pelas pesquisadoras

Pode-se perceber que as respostas dos alunos estão centradas em 2 aspectos: a vontade de concluir os estudos e a família. O aluno 1 nos diz que seu principal incentivo a permanecer é sua mãe. Já para o aluno 2, sua motivação é o mercado de trabalho, “terminar logo” para poder seguir seu sonho de ser Policial Rodoviário Federal (PRF). Para a aluna 3, o que lhe motiva é futuramente, ao formar sua família, ser uma pessoa estável financeiramente e poder ser um exemplo.

O aluno 4 é claro ao ressaltar que sua motivação é “terminar os estudos mesmo”. Para a aluna 5, sua fonte de motivação também é poder ser motivo de orgulho para a família. A aluna 5 foi a única que relatou sobre o sonho de cursar uma graduação. Portanto, a EJA aparece como oportunidade para atender a essas expectativas: ter uma profissão e ingressar no mercado de trabalho, o que possibilitaria gerar orgulho, mas também prover o sustento da família. São expectativas sintonizadas com a dinâmica de organização da nossa sociedade por meio do trabalho e o que este significa.

No entanto, de acordo com Paiva (2007, p. 26), além desses resultados:

[...] a EJA deve permitir aos educandos mudar a qualidade de sua intervenção na realidade. Seu objetivo primeiro é, pois, a construção de novas formas de participação e de exercícios pleno e consciente dos direitos da cidadania. A formação para o trabalho, entendida como uma das dimensões da educação continuada de jovens e adultos, deve articular-se à educação geral e atender aos fins da educação nacional.

Portanto, a formação para o trabalho constitui apenas um dos objetivos a serem promovidos na prática educativa que ocorre na EJA. Os professores também foram indagados a respeito do significado que essa modalidade pode assumir na vida dos alunos.

QUADRO 14 - Reflexões acerca do ensino da EJA para os professores

O QUE É EJA PARA VOCÊ?	
PROFESSORES	RESPOSTAS
1	É um resgate! Resgate de autoestima, resgate de conteúdo. É um resgate mesmo! Geralmente é isso... É resgatar um tempo e aproveitar as oportunidades, pois eles desejam retornar a estudar e então isso é a parte gratificante, pois participamos desse processo, incentivando, conversando sobre a importância de continuar. Eu vejo como um resgate de tempo.
2	Na verdade, a Educação de Jovens e Adultos, eu acho que muitas vezes ela é marginalizada, sempre colocada de lado [...] às vezes o EJA é o puxadinho da escola [...], mas ao mesmo tempo, é a oportunidade de muitos alunos retornarem ao que foi deixado pra trás. Então assim, se a gente vê a Educação de Jovens e Adultos como algo que vai mudar a vida de muita gente, e a gente realmente focar no que é importante, eu acho que dá certo.

Fonte: Entrevista realizada pelas pesquisadoras

O professor 1 ressalta que a EJA permite resgatar os estudos, mas também a autoestima dos alunos. O mesmo relata sobre o desejo dos alunos em retornar para a escola e continuar seus estudos, apesar de todas as dificuldades encontradas no meio do caminho. Este fala da importância do incentivo dos professores, das conversas com os alunos sobre continuar estudando e os fazendo acreditar que irão conseguir concluir com êxito. A professora 2 traz a reflexão sobre os espaços da escola que são destinados ao ensino da EJA, pois em sua experiência pessoal como docente dessa modalidade, ela nos relata que “às vezes o EJA é o puxadinho da escola”. Leite (2013, p. 67) também denuncia essa realidade:

É reconhecido que a educação de jovens e adultos vem sofrendo um longo processo de negligência e desvalorização por parte das diversas instâncias governamentais, em nosso país. Assim, por um lado, a realidade dos professores é muito difícil, a dos alunos da EJA muitas vezes é ainda mais.

A professora ressalta a importância desse olhar mais sensível em relação à EJA, que essa modalidade não deve ser tratada apenas como uma obrigação por lei, ou se reduzir à oferta por meio de quantidade crescente de vagas, mas também pela qualidade. A EJA precisa constituir espaços preparados e agradáveis para receber esses alunos que estão retornando, para que estes se sintam mais motivados a concluir seus estudos e para que sejam, de fato, incluídos.

5 Considerações Finais

Frente a discussão do presente trabalho em torno das juventudes, processos de escolarização e inclusão social, foi possível ter um olhar sensível sobre os motivos que levam os jovens a evadirem da escola, bem como sobre os motivos que os trazem de volta para esse contexto. O estudo nos permitiu inferir que os jovens têm buscado na escola uma possibilidade de mudança de vida, enfrentamento de preconceitos, mas que também enxergam a escola como uma possibilidade de inserção e permanência no mercado de trabalho.

A partir da metodologia de entrevista e questionários tivemos como conclusão que a Educação de Jovens e Adultos significa um recomeço, mas que para além disso, é sinônimo de luta, tanto para os alunos que enfrentam desafios familiares, cansaço, possível desinteresse, quanto para os professores, que se desdobram para superar as dificuldades metodológicas, preconceitos, a marginalização e outros. Notamos que os educadores demonstram preocupação em atrelar teoria e prática, levar aos alunos maneiras de relacionar o conteúdo apresentado a sua realidade, buscando assim, uma aprendizagem significativa.

Afirmamos que nossos objetivos foram alcançados com o desenvolvimento dessa pesquisa, uma vez que a mesma nos trouxe maior compreensão acerca dos processos de inclusão e exclusão social vivenciados cotidianamente pelas juventudes que acarretam no abandono escolar e pudemos compreender mais acerca da relação existente entre os motivos que levam ao afastamento escolar e como esses se apresentam durante o retorno do jovem à sala de aula.

A inserção na escola e contato com os alunos nos proporcionou conhecimento acerca das dificuldades, mas nos mostrou que não é uma tarefa impossível. Assim sendo, notamos a necessidade de deixar de marginalizar a EJA e incentivar os graduandos a conhecerem essa modalidade e a lutarem para que esta deixe de ser, como dito pela professora 2, um mero “puxadinho da escola”.

Entendemos que este trabalho contribuiu significativamente com discussões apresentadas por diversos autores e que este estudo faz relação a um despertar para as

necessidades da EJA e desafios da mesma, sendo estes desafios de cunho social, familiar e por vezes, escolar, que necessitam ser superados, sejam na sociedade e/ou nas áreas de docência.

Em razão de todo o exposto, esperamos que os futuros pesquisadores da temática se aprofundem mais nas maneiras de desmistificar a EJA, de forma que abranjam as escolas públicas, as privadas, e que busquem sugestões de metodologias para os educadores e formas de aproximar os alunos uns dos outros, visto que essa foi uma dificuldade citada por um dos professores.

A leitura do trabalho aqui apresentado se faz relevante e indicada principalmente para alunos de graduação, os futuros professores da modalidade de ensino EJA, pois acreditamos que com a leitura é possível entender um pouco mais do contexto interno da modalidade e assim incentivar, reconhecer e incluir os diferentes modos de ser das juventudes encontradas na sociedade e a realidade destes dentro da EJA.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M; CASTRO, M. G.; WAISSSELFIS, J. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que frequentam?** MEC/OEI/FLACSO, Brasília 2015.

ANDRADE, S. **Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultura** [manuscrito]. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

BASTOS, L. C. **Traçando metas, vencendo desafios: experiências escolares de mulheres egressas da EJA.** Belo Horizonte: UFMG, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** de 05 de out de 1988. Brasília, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dez de 1996:** institui as diretrizes e bases da educação nacional: Brasília, 1996.

BRASIL. **Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013.** Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 30 de mar. de 2022.

DAYRELL, J. Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C.L. (Org.). **Juventude e ensino médio.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 101-133.

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos**, ano 21, n. 55. nov. 2001.

ESCOREL, S. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 714, p.108-130, maio - ago. 2000.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. População residente, por sexo e grupos de idade, segundo as Grandes Regiões e as Unidades de Federação. Brasil: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12>. Acesso em: 21 abr. 2022.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996.
- LEITE, S. A. S. **Afetividade e letramento na educação de jovens e adultos EJA**. São Paulo: Cortez, 2013.
- LEMOS, F. O. **A formação didático-pedagógica dos professores de Odontologia e o desafio de formar cirurgiões-dentistas cidadãos**. 2011. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão, Rio Preto, 2011.
- LOPES, A. C. Políticas curriculares: continuidades ou mudanças de rumos? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.26, p. 109-118, maio/jun./jul./ago. 2004
- LOPES, M. C. Políticas de inclusão e governamentalidade. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 34, n. 2, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/8297>. Acesso em: 13 abr. 2022.
- MARCHESI, A. **O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MARCUCCI, S. **ODS da ONU: os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável para a década de 2020/2030**. Propeq, 1 de set. de 2020. Disponível em: <https://propeq.com/ods-da-onu>. Acesso em: 02 abr. 2022.
- PAIVA, J.; MACHADO, M. M.; IRELAND, T. (Orgs.) **Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea 1996-2004**. Edição eletrônica, MEC: Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 22 set. 2022.
- PARO, V. H. **Administração escolar: introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 1996.
- PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1987.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PERALVA, A. **O jovem como modelo cultural**. Revista Brasileira de Educação – Juventude e Contemporaneidade. n. 5. p. 15-24. maio-ago. 1997. Disponível em: http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_04_ANGELINA_PERALVA.pdf. Acesso em: 31 de mar. 2022.

PEREIRA, M. C. **Evasão escolar**: causas e desafios. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. ano 4. v. 1. p. 36-51. fev. 2019. Disponível em: <Evasão escolar: causas e desafios - Revista Científica (nucleodoconhecimento.com.br)> . Acesso em: 10 abr. 2022.

PERES, E. **Templos de luz**: os cursos noturnos masculinos da Biblioteca Pública Pelotense. Pelotas: Seiva, 2002.

PERONDI, M.; VIEIRA, P. M. A construção social do conceito de juventudes. In: PERONDI, M. *et al* (Orgs.). **Infâncias, adolescências e juventude na perspectiva dos direitos humanos**: onde estamos? Para onde vamos? Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018, p. 49-62.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

RIBEIRO, V. M.; JOIA, O.; PIERRO, M. C. Di. **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil**. Cadernos Cedes, ano 21, n. 55, nov. 2001.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SAMPAIO, M. N.; ALMEIDA, R. S. **Práticas de educação de jovens e adultos**: complexidades, desafios e propostas. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STEPHANOU; BASTOS (orgs), 2005, p. 270 – 271. Também em DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Cadernos Cedes, 2001, p. 61.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C. Contexto, motivação e aprendizagem. In: TAPIA, J. A. (Org.). **A motivação em sala de aula**: o que é, como faz. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

TORRES, R. M. **Ação nacional da alfabetização na América Latina**. Trad. Ângela Melim. Caderno de Educação Popular, n. 17. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes/Nova, 1990.

TROGER, V. **Bourdieu e a escola**: democratização desencantada. Ciências Humanas, n.15, p. 16-23. fev.-mar. 2012.

VEIGA-NETO, A.; LOPES, M. C. (2007). **Inclusão e governamentalidade. Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - especial, p. 947-963, out. 2007. Disponível em: Rev100_05ARTIGOS.pmd (scielo.br). Acesso em: 13 abr. 2022.

VIEIRA PINTO, A. **Sete lições sobre educação de adultos**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA APLICADOS AOS ALUNOS

Questionário

Nome: _____

Idade: _____

Gênero: () F () M () Não binário () Prefiro não indicar

Turma (série/etapa) em que estuda: _____

Em que ano deixou de frequentar a escola no período regular? _____

Em que ano voltou a frequentar a escola? _____

Endereço: _____

Quem mora com você? (Você pode marcar mais de um opção)

() Moro sozinho(a) () Pai () Mãe () Esposa / marido / companheiro(a)

() Filhos – quantos: _____ () Irmãos – quantos: _____

() Outros parentes – quantos: _____ () Amigos ou colegas – quantos: _____

Qual o principal meio de transporte que você utiliza para chegar à escola?

() A pé/carona/bicicleta () Transporte coletivo alternativo

() Transporte escolar () Transporte próprio(carro/moto)

Qual é a sua participação na vida econômica de sua família?

() Você não trabalha, mas seus gastos são custeados por outro membro da família.

() Você trabalha e é independente financeiramente.

() Você trabalha e é responsável pelo sustento da família.

Você desenvolve alguma atividade remunerada? () Sim () Não

Qual o vínculo?

() Estágio () Emprego fixo particular

() Emprego autônomo () Emprego em cargo público

Qual a renda mensal de sua família? (considere a renda de todos os integrantes da família, inclusive você)

() Até 02 salários mínimos

() De 02 até 04 salários mínimos

() Superior a 05 salários mínimos

Agradecemos sua colaboração que é de suma importância na produção do conhecimento!

Roteiro de entrevista

1. Por qual(is) motivo(s) você precisou parar de estudar?

2. Ao longo de sua vida você se sentiu discriminado por não ter concluído os estudos da educação básica?
3. O que lhe fez retornar para a escola?
4. Por que você escolheu a EJA como modalidade de ensino para retornar à escola?
5. Que dificuldades você vivenciou ao retornar para a sala de aula? E que dificuldades você vivencia atualmente?
6. Você recebe algum incentivo por parte dos profissionais da escola para continuar os estudos? Como?
7. Na sua opinião, os profissionais que trabalham na EJA estão qualificados para trabalhar nessa modalidade?
8. Os professores entendem suas dificuldades?
9. Quais as principais dificuldades que você encontra para se manter na escola?
10. Você já pensou em desistir ou parar os estudos atualmente? Por qual(is) motivo(s)?
11. Em poucas palavras, como você define o processo de ensino realizado nesta escola?
12. A maneira como você é tratado na escola, pelos demais alunos, por professores e funcionários, lhe motiva a continuar estudando?
13. Suas expectativas com a EJA foram supridas?
14. O que lhe motiva a permanecer na escola?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA APLICADOS AOS PROFESSORES

Questionário

Nome: _____

Idade: _____

Gênero: () F () M () Não binário () Prefiro não indicar

Turma (série/etapa) em que atua: _____

Há quanto tempo atua na docência: _____

Há quanto tempo atua nessa escola: _____

Há quanto tempo atua na EJA: _____

Graduação: _____

Instituição de formação: _____

Ano de formação: _____

Pós-Graduação: _____

Instituição: _____

Ano de formação: _____

Algum outro curso de formação: _____

Instituição: _____

Ano de formação: _____

Agradecemos sua colaboração que é de suma importância na produção do conhecimento!

Roteiro de entrevista

1. Porque você decidiu se tornar professor(a) de EJA?
2. Como você descreve o(s) nível(is) de alfabetização dos alunos que chegam à EJA?
3. Quais são as maiores dificuldades dos alunos no processo de aprendizagem ao retornar para a escola?
4. Quais estratégias você utiliza para ajudar os alunos a superar essas dificuldades?
5. Como é a relação entre aluno-aluno, no caso de uma sala onde existem alunos com níveis de aprendizado tão diferentes?
6. O que você faz quando na turma os alunos não estão no mesmo ritmo?
7. Quais são as características que marcam o perfil dos seus alunos de EJA hoje?
8. Quando começa uma nova turma, como se dá o processo de socialização dentro da sala de aula? Ocorre alguma mediação?

9. Na sua opinião dentre as estratégias já utilizadas em sala de aula, qual é a mais utilizada? Qual estratégia traz melhores resultados com os alunos?
10. Quais materiais e recursos didáticos são usados no processo?
11. Os conhecimentos dos alunos são mobilizados em sala de aula? Se já, cite um exemplo.
12. Como é realizado o acompanhamento do desenvolvimento dos estudantes?
13. O que é o EJA para você?

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois até aqui Ele me sustentou, me deu a oportunidade, a força e a coragem necessárias para superar os desafios encontrados ao longo desta etapa.

Agradeço a minha família, especialmente meus pais Genivaldo e Valkeane e meus irmãos Maria Eduarda e Mateus Gabriel, por todo o apoio, compreensão e incentivo. Obrigada por vibrarem comigo nas alegrias, mas também por chorarem junto nos meus momentos de dor.

A professora orientadora Lucélia Costa Araújo, que durante todo este ano nos acompanhou pontualmente, dando todo o auxílio necessário para a elaboração deste trabalho.

Agradeço aos amigos que fiz durante esta jornada e que almejo levar por toda a vida. Sem eles, sei que tudo teria sido mais difícil. Obrigada especialmente a Maria Cleyane, minha dupla neste trabalho, Marina de Castro, Ester Oliveira e Vanessa Miranda.

Gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com esta pesquisa, com minha graduação ou ainda, que me fizeram ser quem sou.

Brenda Silva

Em primeiro lugar de agradecer primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por todas as dádivas concedidas até aqui, pela saúde e paciência para compreender cada desafio pelo qual eu enfrentei. Agradeço também a meus pais Maria de Jesus e Cleudio por sempre terem acreditado no meu potencial, e por vibrarem comigo a cada obstáculo superado, cada nova conquista e mesmo a distância estarem sempre presentes.

Quero agradecer a minhas tias, especialmente à Jesus de Maria por ter me acolhido nesse processo final de conclusão de curso. Agradecer por todos os amigos que fiz aqui, que foram essenciais para meu crescimento pessoal e profissional, também à minha parceira de trabalho Brenda Eduarda por compartilhar comigo essa missão de realizarmos essa pesquisa. Agradecer a todos os professores, em especial a nossa orientadora Dra. Lucélia Costa por todo o apoio durante a realização do presente artigo.

Acima de tudo, agradeço a mim mesma por perseverar até o fim, foi gratificante chegar até aqui.

Maria Cleyane Oliveira